

## O SER INEXATO: UM OLHAR SOBRE AS CONFIGURAÇÕES DE ESTAR SUJEITO ATRAVÉS DA POESIA

Nathalia Pinto Souza; Micaela Sá da Silveira

*Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), nathaliapintops@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), micaela.letras@gmail.com*

**Resumo:** As discussões acerca das relações de gêneros e sexualidades têm, cada vez mais, alcançado espaço em nossa sociedade, tendo em vista as constantes modificações sócio, político e culturais, que proporcionam um vasto debate nas mais diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, a literatura torna-se um *locus* profícuo para a apresentação/presentificação de tais discussões. Diante desse quadro, o presente artigo tem por escopo apresentar uma análise comparada entre os poemas “Verbo Ser”, de Carlos Drummond de Andrade (1973), “O inexato”, de Elisa Lucinda (2017) e “Um brinde”, de Virgínia Guitzel (2016), levando em consideração a relevância de evidenciar as possibilidades de ser e estar sujeito social, destacando nas tessituras textuais a inexatidão como elo nestas produções literárias. Os caminhos metodológicos trilhados para a realização desse artigo estão centralizados em um estudo de cunho bibliográfico e de caráter descritivo, uma vez que colocamos em foco as relações de constituição do sujeito, além de traçar um perfil histórico sobre os poemas analisados. Para tanto, teoricamente ancoramo-nos nas contribuições de Bourdieu (1998), Butler (2017), Foucault (2005), Miskolci (2016), Preciado (2011), Silva (2014), dentre outras autoras e autores. Nesse sentido, a pesquisa empreendida nos permitiu perceber que, nos poemas em tela, ainda que haja uma distância temporal entre a publicação de ambos, apresenta-se em uma mesma premissa de problematizar e provocar reflexão (e apartar-se?) das amarras sociais que durante muito tempo tem proposto um engessar dos sujeitos em categorias estanques.

**Palavras-chave:** Gênero, Sexualidades, Ser e Estar.

### 1 INTRODUÇÃO

*Passarinho de toda cor  
Gente de toda cor  
Amarelo, rosa e azul  
Me aceita como eu sou  
Eu sou amarelo claro  
Sou meio errado  
Pra lidar com amor  
No mundo tem tantas cores  
São tantos sabores  
Me aceita como eu sou  
(Renato Luciano)*

O trecho da canção que serve de epígrafe para este trabalho é parte da letra *De toda cor*, de Renato Luciano. A canção, que ganhou destaque no cenário nacional, problematiza de modo bem direto a questão da aceitação do sujeito em sua particularidade, em seu modo de ser, como está marcado no verso “me aceita como sou”. Além disso, a letra também põe em debate as definições pré-estabelecidas social e culturalmente através da designação de cores “amarelo”, “rosa” e “azul”, como vemos no trecho apresentado, em que o eu lírico se diz

“amarelo claro” e, desse modo, foge ao estigma de cores que, socialmente, foi atribuída ao menino e à menina, azul e rosa respectivamente.

As inquietações acerca das questões de gênero e sexualidades estão ganhando cada vez mais espaço na nossa sociedade, seja pela visibilidade social destas minorias que vêm aumentando significativamente, seja pelos estudos acadêmicos nas mais diversas áreas de conhecimento que tem se debruçado cada vez mais em observar com acuidade as problemáticas que estão no entorno desses temas, segundo Preciado (2011, p. 14):

O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação protética dos gêneros. A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais.... As minorias sexuais tornam-se multidões.

Além disso, inegavelmente, as mais variadas formas de manifestações artísticas têm colocado em tela as provocações que surgem diante desse cenário social que, cada vez mais, tende a apresentar uma desestabilização no que tange às categorias que engessam o sujeito em pares opostos como homem/mulher; hetero/homo; feminino/masculino e demais pares.

Assim, entendendo a literatura como espaço propício para materializar as questões sociais, conforme apresenta Cândido (2006), neste trabalho observaremos de que modo os textos poéticos, produzidos em períodos distintos, abordam e na literatura contemporânea, presentificam<sup>1</sup>, as possibilidades de construções do sujeito. Como *corpus* de análise trabalharemos com os textos “Verbo Ser”, de Carlos Drummond de Andrade, em que desenvolve debates sobre o padrão imposto contra os princípios da singularidade e da autenticidade do ser humano relacionados a infância e suas implicações a respeito da maturidade; “Um brinde”, de Virgínia Guitzel acerca da estruturação do corpo no empoderamento e reconhecimento no viés da perspectiva trans e por fim, “O Inexato”, de Elisa Lucinda, no qual evidencia a multiplicidade de sujeitos em suas dessemelhanças.

Para este trabalho, utilizamos as concepções Bourdieu (1998), Butler (2017), Foucault (2005), Miskolci (2016), Preciado (2011), Silva (2014) que trabalham questões voltadas para as construções sociais, culturais, a constituição do sujeito em prol da representatividade, a formação da sociedade e suas diversas relações pautadas por poderes, além do mais debatem a naturalização do corpo e do sexo.

---

<sup>1</sup> Beatriz Resende (2008) apresenta três questões que aparecem como dominantes na produção contemporânea: a presentificação, o retorno do trágico e o tema da violência. A questão da presentificação será abordada na análise a seguir.

O trabalho justifica-se por tratar de temas atemporais, relacionados às imposições sociais que desde sempre determinam o caminho que os sujeitos devem seguir, desde o momento em que se descobre o sexo biológico da criança, de acordo com Butler (2017) é necessário desconstruir do gênero partindo da dicotomia que se forma entre sexo e gênero, sendo o sexo natural e o gênero construído.

Através da análise comparativa entre os poemas, realizamos um estudo de cunho bibliográfico e de caráter descritivo, no qual colocamos em fulcro as diversas relações de construção do sujeito, além de retratar um perfil histórico sobre os textos analisados.

Logo, podemos considerar que as configurações do sujeito apreciadas nesse artigo revelam o valor social do indivíduo sobre a sociedade na qual está inserido, aumentando sua força acerca dos papéis coletivos que lhes são atribuídos nas multifárias relações, principalmente, nos vínculos de poder influenciando a reprodução e aprofundamento a respeito da política identitária, configurando-se em uma diversidade de diferenças em que existe a faculdade de escolha sobre suas formas de ser e estar sujeitos.

## **2 *SER E/OU ESTAR: POSSIBILIDADES DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO ATRAVÉS DA POESIA***

Como é sabido, durante toda a produção da literatura brasileira encontramos textos que problematizam as questões de gênero, no entanto, como também já foi amplamente discutido, as obras literárias que ganharam espaço na sociedade passaram por critérios de seleção que as permitiram ser acessada amplamente pela população, ou não. Nesse sentido, em conformidade com Márcia Abreu (2006, p. 39), a questão acerca dos critérios do cânone pauta-se:

Por trás da definição de literatura está um ato de seleção e exclusão, cujo objetivo é separar alguns textos, escritos por alguns autores do conjunto dos textos em circulação. Os critérios de seleção segundo boa parte dos críticos é a literariedade imanente aos textos, ou seja, afirma-se que os elementos que fazem de um texto qualquer uma obra literária são internos a ele e dele inseparáveis, não tendo qualquer relação com questões externas à obra escrita, tais como o prestígio do autor ou da editora que o publicou, por exemplo. Entretanto, na maior parte das vezes, não são critérios linguísticos, textuais ou estéticos que norteiam essa seleção de escritos e autores. [...] Entra em cena a difícil questão do valor, que tem pouco a ver com os textos e muito a ver com posições políticas e sociais (ABREU, 2006, p. 39).

É notório o direcionamento da autora ao evidenciar que os critérios que confere

condição de texto literário não são fundamentos meramente literários, mas sobretudo embasados em posições políticas e sociais que acontecem a todo momento da sociedade. Dessa forma, o que define se um texto é ou não literário não são fatores literários, sendo antes as formulações culturais e/ou acontecimentos político-sociais advindos das relações coletivas.

Desse modo, iniciaremos o trabalho exegético com a leitura do poema “Verbo Ser”, de Carlos Drummond de Andrade que está inserido no livro *Boitempo II* (1973), obra que faz parte de uma trilogia memorialística que remete, em sua maioria, a temas relacionados à infância rural do poeta. Na obra encontramos poemas que apresentam uma relação entre o sujeito e sua questão existencial correlacionado ao tempo, sobretudo, nas atribuições entre o poeta e o seu passado.

Leiamos o poema “Verbo ser” e passemos, depois, às conjecturas:

Que vai ser quando crescer?  
Vivem perguntando em redor. Que é ser?  
É ter um corpo, um jeito, um nome?  
Tenho os três. E sou?  
Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome,  
corpo e jeito?  
Ou a gente só principia a ser quando cresce?  
É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?  
Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?  
Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.  
Que vou ser quando crescer?  
Sou obrigado a? Posso escolher?  
Não dá para entender. Não vou ser.  
Vou crescer assim mesmo.  
Sem ser Esquecer. (ANDRADE, Carlos Drummond de.  
*Boitempo II – Menino antigo*. 2.ed. Rio de Janeiro: José  
Olympio, 1974.)

No poema “Verbo Ser” percebemos as inquietações existenciais do eu lírico e a sua corporeidade, oferecendo margem para as discussões que envolva o padrão imposto contra os princípios da singularidade e autenticidade do ser humano como sujeito sócio atuante. As indagações que a sociedade instala nas crianças sobre o que elas desejam ser quando crescerem, deixa evidente a volatilidade do verbo “ser” em contraposição ao verbo “estar”.

Em vista disso, os traços da infância são reconstruídos na fase adulta, transferindo a criticidade do adulto para a perspectiva imagética da criança, portanto, os tempos passado e presente problematizam a infância e ampliam as perspectivas do leitor para uma leitura crítica construtiva do sujeito no âmbito das relações de cunho autoritárias e dominantes. Dessa forma, as pressuposições metafísicas com o verbo continuam no poema, alicerçando o estudo

em dois núcleos: a família e o conservadorismo da população.

Ao analisarmos o poema, observamos o engessamento que ocorre na construção da identidade da criança e, conseqüentemente, no processo de amadurecimento, gerando um choque entre o prazer da liberdade de escolha e a vivência dos incômodos da civilização coercitiva, manifestando suas imposições. Assim, a criança manifesta-se em um espaço imaginativo, muitas vezes de exclusão ou se obrigação.

Essa fronteira entre os que estão socialmente aceitos e os que são relegados a um lugar subjugado, torna-se abrangente e tênue, no poema os verbos em sua grande maioria estão no infinitivo, sem a marcação fixa do referente, sinalizando com isso, o sujeito a quem se trata, proporcionando espaços para rememorar as discussões conduzidas por Judith Butler (2008) e a escolha dos gêneros. Foi pelo caminho da divisão sexo/gênero que a autora chegou a crítica do sujeito como ser uno, propondo a concepção de um gênero como efeito no lugar de um sujeito centrado, assim, de tal modo é aceitar a identidade com as múltiplas essências que um indivíduo pode transpor:

A presunção aqui é que o ‘ser’ um gênero é um efeito, objeto de uma investigação genealógica que mapeia os parâmetros políticos de sua construção no modo da ontologia. Declarar que o gênero é construído não é afirmar sua ilusão ou artificialidade, em que se compreende que esses termos residam no interior de um binário que contrapõe como opostos o “real” e o autêntico” (BUTLER, 2008, p. 58).

Essa problemática acerca do “ser” no poema é apreciada como uma forma de imposição de uma sociedade que carrega em sua origem estereótipos negativos às diversidades encontradas nos indivíduos, que muitas vezes não podem escolher *estar* da forma que melhor desejar se encontrarem e sim, são obrigados a *ser* o que a sociedade impõe. Nesse cenário, segundo Silva (2014), fica evidente essas indagações em três âmbitos cruciais para o indivíduo, são eles: corpo, comportamento e nome, assim focalizando as discussões nessas vertentes, o sujeito opta por crescer sem sentir a necessidade e a obrigação de precisar adequar-se a isto, resolvendo crescer, sem imposições ou amarras sociais e culturais.

Nesse âmbito, Bourdieu (1998) é categórico ao afirmar que estamos imersos em padrões inconscientes de estruturas históricas de ordem masculina, possuindo uma visão voltada para análises sobre esse viés. Para ele, a dominação enquadrava-se em uma violência simbólica, impondo significações invisíveis a suas próprias vítimas sendo exercida mediante passagens de conhecimento e comunicação.

Esse encadeamento de ideias do autor é crucial quando estabelecemos em associação ao poema “Verbo Ser”, uma vez que os dois tempos desvelados por Drummond, passado e presente, suplementam uma crítica que parte principalmente para o viés da construção do ser humano a partir de suas escolhas e vivências, problematizando a infância e seu caráter impositivo sobre as vicissitudes da criança, além de ampliar a leitura para a esfera das relações interpessoais.

Dessa forma, em consonância com Bourdieu (1998, p.8), percebemos que essa relação de dominação laboriosamente manifesta-se na consciência dos envolvidos, como parte de sua própria constituição e de um sistema de relações de sentido aparentemente independentes de qualquer relação de força:

Arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (...) segundo a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás (...). Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (...) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam” (...); de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo.

A questão principal seria a de revelar os processos responsáveis pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural; devolvendo, assim, à diferença entre o masculino e feminino em seu caráter puramente arbitrário e contingente. Conseqüentemente, as aparências biológicas, conjugadas aos efeitos nos corpos e mentes, seriam capazes de inverter efeitos e causas, naturalizando, com isso, essa construção social.

Nessa conjuntura, essa concordância entre as estruturas objetivas e cognitivas, entre a “conformação do ser e as formas do conhecer, entre o curso do mundo e as expectativas” (BOURDIEU, 1988, p. 8), seria capaz de conceber com que a divisão existente entre os sexos parecesse ser algo natural e inevitável, explicitamente presente nas coisas no mundo social, como também incorporada nos corpos e hábitos dos agentes.

Por fim, ao observarmos o poema de Drummond, à luz do que propõe Bourdieu (1998), verificamos uma ligação intrínseca entre os temas abordados por eles. Assim sendo, a materialização no questionamento das demandas feitas a partir dos sujeitos, chama a nossa atenção para tornar visíveis as injustiças, violências e indiferenças na disseminação do preconceito diante das vivências dos sujeitos.

### **3 SER E ESTAR: (RE)CONSTRUÇÕES DO CORPO**

Ainda abordando poemas que trazem à baila a valoração sobre as discussões em torno dos estudos de gêneros, apresentaremos a análise do poema “Um brinde”, de Virgínia Guitzel, que além de proporcionar algumas reflexões acerca do corpo como campo de batalha e de transformações externas e internas em que a imperatividade das condutas notabiliza a cronologia dos fatos entre ser e estar. Em conformidade com Silva (2014, p 40):

Assim, expressar-se a partir de um ponto de vista marcado pelo corpo, pelos sentidos, por toda uma base psíquica que fora construída e impregnada pelas práticas sociais e discursivas que justificaram as mulheres confinadas e mantidas sob uma educação de clausura e menor, parece ser a saída que melhor convém às mulheres, porque detentoras de um aprendizado que os homens não dominam: o aprendizado de si, de dentro, do íntimo, da alma, do obscuro, do enigmático, das relações interpessoais e intersubjetivas, da relação com a família e com o outro do seu afeto, das relações sociais em que há a possibilidade de interação e reivindicação como vemos na literatura contemporânea de autoria feminina.

Dessa forma, o sujeito poético se apresenta em uma linha tênue sobre suas vivências e experiências na constante resistência pela vida e por seus direitos sociais, um gosto contraditório entre de aparentar-se socialmente aceito e interiorizando ser quem não pode ser. Vejamos o texto na íntegra:

Meu corpo  
Um campo de batalha  
Chora, grita e sente  
Combate de forma valente  
Todo o dia  
A mesma e nova transfobia

Me constrói  
Cada dia mais uma batalha  
Venço, perco, segue empatado  
Do lado de cá me fortaleço  
Mas eles crescem, não me esqueço

Na mira, sigo perseguida  
O corpo, as regras, as normas  
Evidência  
Hetero, cis, burguês  
Essa moral em mim se desfez

Corta, mutila, hormoniza  
Transforma a cada dia  
De forma desigual é impedida  
De ser plenamente reconhecida  
Da miséria destinada  
À insurreição organizada  
Se levanta, me levanto

Sei, nasci pra ser sujeito  
Escolhi, decidi, quis ser eu mesma  
Me tornei abjeto  
Parece comum  
Um ser que não parece merecer afeto

A nós, um brinde  
Guerreiras sobreviventes  
Mais um dia  
No campo de batalha  
Da vida  
Do corpo  
Da alma (GUITZEL, Virgínia. *Um brinde*. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/Poesias-TRANS-A-arte-da-resistencia-I.>>. Acesso em: 20 abril de 2018.)

Nos últimos anos, debates concernentes à sexualidade e essencialmente sobre questões relacionadas à transexualidade, revelam-se como reflexos diretos da sociedade em seus diferentes âmbitos, sejam eles culturais, políticos e jurídicos. Ainda assim, é notório um estigma sobre os comportamentos que se distanciam da normatividade heterossexual, baseada na dualidade do sexo biológico em contraponto com a questão indenitária sexual de como o indivíduo se reconhece.

“Um brinde”, publicado em 2016 pela primeira vez no site Esquerda Diário é de autoria de Virgínia Guitzel, que é colunista da “Seção Gênero e Sexualidade” no referido site, e declara-se nele como travesti e militante do grupo de mulheres Pão e Rosas. Desse modo, levando em consideração o lugar de fala<sup>2</sup>, percebemos a propriedade que a autora possui ao escrever o poema e em expor a estruturação do corpo no empoderamento e reconhecimento no viés da perspectiva trans.

Embasados nos pressupostos de Miskolci (2016), a menção ao objeto tão reiterado no poema, principalmente na quinta estrofe, confirma a problemática *queer*, a abjeção. Assim, o sujeito *queer* opta pela linha da abjeção em que “se refere ao espaço na qual a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política” (MISKOLCI, 2016, p. 24). Essa proximidade entre aqueles que estão socialmente aprovados e os que são exilados a marginalização e diminuição, converte-se em abrangente e infinda. Situação retratada através do eu lírico do poema que, ao final, sente-se combatente de vitórias diárias entre seu corpo e como a sociedade aceitará ou não essa construção.

---

<sup>2</sup> Segundo Regina Dalcastagnè (2010, p.33) “... os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e a representação dos múltiplos grupos sócias [...] quem fala e em nome de quem.”

Não obstante, essa regulação social da sexualidade humana demonstra a desconformidade sexual, de identidades e desejos de sujeitos que não obedecem à padronização anatômica imposta do seu sexo biológico, como no caso da transexualidade, em que os indivíduos não se identificam psíquico e nem fisicamente com o sexo morfológico com o qual nasceram. Nesse sentido, qualificam-se por viverem sendo reconhecido como membro do sexo oposto, de modo que a transexualidade envolve questões de cunho jurídico que afetam até nos direitos da personalidade do sujeito.

Em vista disso, dentro desta perspectiva normativa, Monique Wittig (1980) conceitua a heteronormatividade como uma configuração biológica presente na nossa sociedade que regulam o gênero entre masculino e feminino, todavia, existem indivíduos que rompem a essa norma sinuosamente imposta. No poema “Um brinde”, o eu-lírico desfaz do que é designado pela heteronormatividade e reconstrói seu corpo para a perspectiva de redesignação do sujeito ser mulher.

No âmbito dessa discussão, o poema simboliza a materialização no questionamento das demandas feitas a partir dos sujeitos, chamando a nossa atenção para tornar visíveis as injustiças, violências e indiferenças na disseminação do preconceito da escolha de gênero, ao tempo que não ocorre uma identificação com que está socialmente indicado para os seus corpos, os travestis buscam o redesenho do corpo, especialmente da articulação da sexualidade como tentativa de corresponder ao padrão sociocultural exigido.

No poema, Guitzel (2016) é muito fiel em retratar a ininterrupta luta identitária desse grupo, que implica em fugir do socialmente aceito para designações de vivências de outras sexualidades e expressões de gênero. Nesse cenário, lembramos os pressupostos de Butler (2014) sobre os processos de construção do sujeito implicando em um modelo em que a sexualidade não poderia ser determinada biologicamente e na luta por reconhecimento da individualidade nas demandas sociais. Dessa maneira, a sexualidade seria prática regulatória normativa, sendo utilizada como demarcador para o corpo, impondo restrições e impedindo a diversidade inerente aos indivíduos.

A transexualidade, em seus atuais debates, nos remete a acreditar em noções sobre gênero, sexo, sexualidade e identidade, a forma como o poder verifica-se na constituição da própria materialidade do sujeito, fazendo do próprio sexo um discurso de libertação de escolhas entre *ser* e *estar*. A abordagem dessas temáticas na produção contemporânea está relacionada ao conceito de presentificação, abordado por Resende (2008), pois a autora

apresenta que essa urgência em lidar com o presente evidencia-se através da inserção de escritores segregados da sociedade que substituem a mediação pela presentificação de suas próprias vozes, bem como com a presença de textos curtos ou curtíssimos.

Finalmente, de acordo com Foucault (2005), ter uma sexualidade significa ter um modelo de autodeterminação de si enquanto um dispositivo de reconhecimento, no qual o indivíduo consegue possuir autoridade sobre sua própria sexualidade de escolha. É exatamente com esse poder de gerenciar a sexualidade e de encontrar no corpo um campo de batalha para a enunciação de um discurso que Guitzel (2016) constrói seu poema. Em “Um brinde”, a começar pelo título, percebemos o ideário de lutas do transexual que enfrenta questões sociais e morais com a escolha estabelecida entre ser quem desejar apresentar-se como tal, redimensionando sua especificidade com o corpo e com a identidade.

#### **4 SER E ESTAR: O INEXATO**

Atualmente, questões envolvendo a diversidade de gêneros ganhou maiores debates acerca da importância das diferentes perspectivas que o sujeito se apresenta, assim, as interpelações que ficam é de como seria a sociedade sem a multiplicidade de pessoas em suas dessemelhanças ou até mesmo, como o mundo se constituiria sem todas as cores, belezas e abundância de riquezas naturais. Certamente, é a diversidade que traduz a vida de maneira singular, como também, coletiva ao tentar demonstrar o respeito por cada indivíduo dentro do seu comportamento único de ser ou estar em comunidade.

Nesse cenário, consideramos crucial nortear o nosso leitor a respeito da Elisa Lucinda (2017), a fim de detectar a representação da identidade da poeta negra, suas paridades culturais e individuais que veiculam no contexto literário brasileiro. Dessa forma, segundo Silva (2014) temos como norte a noção de Literatura de escrita feminina, constituída como voz de um grupo social, no caso em questão, a negra brasileira, debatendo a marginalidade social e o desconhecimento a respeito das produções pouco discutidas no âmbito nacional.

No poema “O Inexato”, de Elisa Lucinda (2017), essas particularidades quanto ao respeito pelas diferenças tornam-se bastante acentuadas considerando o modo como a autora focaliza seu discurso. Dessa forma, ao apresentar pessoas dos mais diferentes estereótipos, evidencia como cada sujeito pode e deve reconhecer a beleza que vive dentro de si. Observemos o texto em tela:

Que o mundo é sortido

Eu toda vida soube  
Quantas vezes  
Quantos diversos de mim  
Em minha alma houve?  
Árvore, tronco, maré, tufão, capim,  
Madrugada, aurora, sol a pino e poente  
Tudo carrega seus tons, seu carmim  
O vício, o hábito, o monge  
O que dentro de nós se esconde  
O amor, o amor, o amor  
A gente é que é pequeno  
E a estrelinha é que é grande  
Só que ela tá bem longe  
Sei quase nada, meu Senhor  
Só que sou pétala, espinho, flor  
Só que sou fogo, cheiro, tato, plateia e ator  
Água, terra, calmaria e fervor  
Sou homem, mulher  
Igual e diferente, de fato  
Sou mamífero, sortudo, sortido,  
Mutante, colorido, surpreendente, medroso e estupefato  
Sou ser humano  
Sou o inexato. (LUCINDA, Elisa. *De toda cor/Poema O Inexato*. Disponível em:  
<<https://www.kboing.com.br/renato-luciano/de-toda-cor-poema-o-inexato>>. Acesso  
em: 20 de abril de 2018)

No poema de Elisa Lucinda é notório o desejo pela igualdade entre os sujeitos, todavia suas excentricidades são preservadas para garantir a diversidade dos envolvidos. Os versos livres criados por Lucinda (2017), também destacam a formosura das coisas únicas e diferentes que compõem todo o nosso mundo, reforçando o entendimento de que cada pessoa faz jus ao respeito de ser quem deseja ser. A diversidade sexual e de gênero enquanto possibilidade de construção de sujeitos sociais e críticos, reproduzem novos posicionamentos e uma mentalidade mais aberta ao debate em relação à orientação sexual, dirimindo o preconceito presente nas escolhas de ser e estar dos indivíduos.

No poema, a diversidade é um caminho retratado de maneira agradável e deleitosa, com uma temática encarada com um olhar cotidiano. Nesse cenário, suscitar debates em torno da negatividade do preconceito sexual que se encontra estereotipado por intermédio de um comportamento conservador, torna-se um dos objetivos implícitos pela escritora.

Ao apresentar o título como “O Inexato”, Lucinda (2017) transparece o pensamento de como devemos observar qualquer sujeito, pelo viés das modificações em que todos estão suscetíveis. Nos versos, “Quantas vezes/ Quantos diversos de mim/ Em minh'alma houve?!”, revela a multiplicidade de transformações que um mesmo indivíduo já experimentou e, assim, continuamente passará, por esse motivo temos um sujeito em ininterrupta inexatidão.

O entendimento sobre preconceito é um movimento dinâmico, uma vez que envolve relações de poder em diversas instâncias, sejam elas políticas, sociais ou culturais. Por isso, o respeito à diversidade deve ser construído em passos largos para que possa ocorrer a supressão da intolerância na sociedade. Como compreendemos, inúmeras são as maneiras de ver o outro, entendendo os diversos universos sexuais que estão baseados nas relações humanas ao que se refere ao reconhecimento da igualdade, de acordo com Candau (2008, p.5) "é necessário garantir a igualdade a partir do reconhecimento da diferença e, conseqüentemente, do respeito a ela", partindo dessa premissa, constatamos que a garantia de obter direito à diferença, produz um ser diferente.

Desse modo, a construção da sexualidade é cotidiana, edificada por valores, por preceitos éticos, em um processo contínuo da percepção de quem somos e estamos em condições de inter-relações humanas. Sendo assim, a luta por imposições de poder conduz à legitimidade sexual que deve ser apreciada de maneira clara e concisa nos âmbitos públicos e privados da sociedade, como também familiar e escolar, combatendo à discriminação e adotando o respeito a liberdade de escolha do sujeito, livre de qualquer discriminação.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de pontos aqui discutidos nesse artigo, o debate e a importância em torno de temáticas que envolvam gênero e sexualidades, torna-se fundamental para pensar a respeito daquilo que compreender os indivíduos, de modo a repensar os contextos históricos instaurados com olhares pautados para a liberdade de ser humano. Assim, a figura do sujeito pessoa cabe uma finitude que nunca cerceará, uma vez que se apresenta em constante evolução de si próprio.

No âmbito literário, encontramos subterfúgios para levantar a relevância da materialização das múltiplas vivências dos sujeitos, em outras palavras, consideramos o conhecimento do homem como uma capacidade ilimitada exposta por novos saberes e pessoas, ilimitando o indivíduo e suas relações. Nesse sentido é possível problematizar as verdades instituídas sejam elas por áreas sociais, culturais ou políticas pela ciência do pensar e refletir sobre o sujeito, assim desconstruir é necessário na trajetória do ser humano.

Por fim, reconhecemos a importância de estudos sobre as questões de sexualidades e de gênero a partir de novas abordagens e de novas perspectivas teóricas. Não obstante,

encontramos na Literatura um espaço propício ao debate sobre as múltiplas vivências do sujeito. Como apresentado, os diferentes poemas, escrito em diferentes períodos, por diferentes sujeitos, sendo eles: Drummond (1973), Guitzel (2016), Lucinda (2017), evidenciam o caráter plural em tratar assuntos semelhantes com perspectivas distintas, caracterizado pela necessidade de ser e estar sem a imposição do engessamento social.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada: Literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo II – Menino antigo**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2008.
- CANDAU, V. M. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. In Revista Brasileira de Educação, v.13, no. 37, 2008.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Duas cidades, 2006.
- DALCASTAGNE, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo**. In Estudos de literatura brasileira contemporânea. Número 26. Brasília: UnB, 2010.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- GUITZEL, Virgínia. **Um brinde**. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/Poesias-TRANS-A-arte-da-resistencia-I>>. Acesso em: 20 abril de 2018.
- LUCINDA, Elisa. **De toda cor/Poema O Inexato**. Disponível em: <<https://www.kboing.com.br/renato-luciano/de-toda-cor-poema-o-inexato>>. Acesso em: 20 de abril de 2018.
- MISKOLCI, Richard. **Estética da Existência e Pânico Moral**. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo. Figuras de Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”**. In Rev. Estud. Fem. vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011.
- RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria**



**feminina**: vozes de permanência e poética. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

WITTIG, Monique. **Ninguém nasce mulher.** Disponível em:  
<<http://mulheresrebeldes.blogspot.com/2009/04/ninguem-nasce-mulher.html>>. Acesso em: 15  
de maio de 2018.